



## **O CORPO COMO MATERIALIDADE SIGNIFICANTE: UM ESTUDO DISCURSIVO DA ANOREXIA NERVOSA**

Mariele Zawierucka Bressan<sup>1</sup>

### **PALAVRAS INICIAIS**

O corpo, ao longo da história, tem sido estudado por diversas áreas do conhecimento. Neste trabalho, com base na Análise do Discurso de linha francesa e na Psicanálise Lacaniana, buscamos imprimir gestos de interpretação sobre o corpo como materialidade significativa do sujeito, tendo presente os discursos sobre a anorexia nervosa. Nossa inquietação parte da materialização de discursos que tomam o corpo como objeto: o discurso médico – que centra seus dizeres na dicotomia entre saúde e doença; o discurso midiático capitalista – que aponta padrões de beleza e estética a serem seguidos; e o discurso de jovens anoréticas em blogs ProAna– que materializa a contradição entre vida e morte, alocando o sujeito na deriva entre ser bonito, ter saúde e seguir padrões estéticos vigentes.

Dessa maneira, nos lançamos à análise de sequências discursivas que nos permitem melhor compreender o funcionamento dos muitos sentidos atribuídos à doença e, por conseguinte, ao corpo anorético, que materializa o sujeito e o inscreve na história. Dizemos que tais discursos trabalham com lógica disjuntiva, o mundo semanticamente normal, de que trata Pêcheux (2012) e que, por conta disso, constituem a multiplicidade das técnicas de gestão social dos indivíduos, as quais os identificam, os classificam, os ordenam, os disciplinam. Ao mesmo tempo, procuramos analisar o deslizamento dos sentidos, os pontos de impossível, as falhas, o equívoco inerente a tais discursos, tendo presente que, fazendo intervir a questão da ideologia e do inconsciente, o corpo também possui sua materialidade, portanto, sua opacidade.

### **SUJEITOS E CORPOS À DERIVA: OS DISCURSOS SOBRE A ANOREXIA NERVOSA**

É possível afirmar que a AD se diferencia das demais correntes teóricas linguísticas porque estuda o sujeito e a língua em sua historicidade; ou seja, em sua opacidade, como objetos não fechados em si mesmos, pela sua incompletude. Ao trabalhar o sujeito, Pêcheux (1995) vai além, ao conceber uma teoria não-subjetiva da subjetividade. O autor vai buscar tanto em Althusser quanto em Lacan as bases para a sua fundamentação.

De Althusser, Pêcheux busca o argumento de que os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia. De Lacan, a concepção do sujeito clivado, dividido. Não se trata, portanto, de um sujeito cartesiano, de carne e osso, com vontade própria. Para os analistas de discurso, o sujeito é duplamente afetado: pela ideologia e pelo inconsciente, não sendo origem de si, nem do sentido. Da

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras – Estudos Linguísticos pela UPF.

mesma forma, o corpo, não é concebido apenas como uma entidade empírica. Com base em Leonel (2010), Orlandi (2012, p. 85) nos explica que a carne passa a corpo por um processo chamado discursivização da carne, trabalho realizado pelos agentes ideológicos que cuidam de imaginá-la, esperá-la, erguê-la, educá-la, administrá-la, alocá-la em *corpodiscurso*. Nas palavras da autora, “enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo que é um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso”.

Tendo presente a concepção de sujeito e de corpo proposta pela AD, podemos lançar algumas questões: como se constitui o sujeito anorético? Como, em sua materialidade, esses sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como estão nele significados e se deslocam na sociedade e na história? Que discursos os constituem? Quais são as falhas e as contradições inerentes a tais discursos e como estas fazem sentido no processo de subjetivação dos sujeitos anoréticos?

Nossa inquietação parte da materialização de discursos que tomam o corpo como objeto: o discurso médico – que centra seus dizeres na dicotomia entre saúde e doença; o discurso midiático capitalista – que aponta padrões de beleza e estética a serem seguidos; e o discurso de jovens anoréticas – que materializa a contradição entre vida e morte, alocando o sujeito na deriva entre ser bonito, ter saúde e seguir padrões estéticos vigentes.

Tanto o discurso midiático quanto o médico apontam padrões a serem seguidos. Embora com objetivos diferentes, ambos tomam o corpo para criar, através de um discurso sobre saúde e beleza, representações, as quais se tornam diretrizes e propostas identitárias para os sujeitos. O corpo enxuto, para ambos os discursos, é sinônimo de saúde e beleza, mas a magreza extrema, ao contrário, é doença. Vejamos algumas SDs que materializam, no intradiscurso, o que chamamos de discurso médico sobre a anorexia:

SD1: *Anorexia nervosa é um distúrbio alimentar resultado da preocupação exagerada com o peso corporal, que pode provocar problemas psiquiátricos graves. **A pessoa se olha no espelho e, embora extremamente magra, se vê obesa. Com medo de engordar, exagera na atividade física, jejua, vomita, toma laxantes e diuréticos.*** (Grifo nosso).

SD2: *Diversos fatores favorecem o aparecimento da doença: **predisposição genética, o conceito atual de moda que determina a magreza absoluta como símbolo de beleza e elegância, a pressão da família e do grupo social e a existência de alterações neuroquímicas cerebrais,** especialmente nas concentrações de serotonina e noradrenalina.* (Grifo nosso).

Vemos produzir-se um efeito de evidência, a partir do que Pêcheux (2012) denominou de universo logicamente estabilizado: o sujeito anorético, de acordo com o discurso médico, é um doente, portador de um distúrbio alimentar, dada a evidência dos sintomas e, por conseguinte, precisa ser tratado. Esse efeito de evidência apaga a historicidade da própria anorexia, ao mesmo tempo em que se inscreve como um “mundo semanticamente normal, isto é, normatizado” (PÊCHEUX, 2012, p.34), dotado de uma aparente homogeneidade lógica.

O discurso médico, assim como o midiático, em nosso trabalho, podem ser entendidos como o conjunto de saberes, o interdiscurso, a memória discursiva, que constituem as materializações linguísticas dos sujeitos anoréticos em blogs do gênero ProAna. Nesses espaços virtuais, as jovens usuárias (porque normalmente meninas entre 14 e 25 anos), imprimem, no intradiscurso, dizeres que remetem a tais discursos. A SD, abaixo, foi recortada de um blog ProAna. Trata-se de um depoimento de uma jovem, conhecida por “Dark Angel”:

SD3: [...] *preciso emagrecer. Preciso emagrecer. Preciso emagrecer. PRECISO ME LIVRAR DESSAS BANHAS NOJENTAS QUE ME FAZEM SER UM SER INFERIOR.*

*q odiooooooooooooooooooooo*

Nessa SD, temos um sujeito que, ao ocupar a posição de anorético, imprime, no fio do discurso, saberes dos discursos a que nos referíamos anteriormente. Trata-se da imagem que o sujeito faz de si mesmo: precisa ser magro para ser, além de bonito, ser um ser superior, já que ser gordo é ser inferior. Nesse imaginário, pela negação do discurso médico (que evidencia os sintomas) o sujeito cria uma ilusão de controle, não apenas com relação ao dizer, mas também sobre o corpo, que não é considerado doente.

No texto “Remontemos de Foucault a Spinoza”, Pêcheux (1990) rediscute a questão da ideologia, afirmando que esta “[...] não é idêntica a si mesma, ela não existe a não ser sob a modalidade da divisão, ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários”. Com relação à FD, o autor (1990) afirma que “[...] é na modalidade pela qual se designam (pela fala ou pela escrita) essas ‘coisas’ cada vez ‘idênticas’ e divididas, que se especifica aquilo que se pode, sem inconvenientes, chamar de ‘formação discursiva’ [...]”.

Com base nisso, Indursky (2008, p. 17) propõe que “[...] a fragmentação da forma-sujeito determina a heterogeneidade da formação discursiva que é por ela organizada”. Isso significa que a formação discursiva é, ao mesmo tempo, idêntica e dividida, ou seja, suas fronteiras são porosas, o que permite que saberes de outras formações discursivas possam aí se fazer presentes. Do mesmo modo, a forma-sujeito que organiza a formação discursiva também é heterogênea em relação a si mesma, pois abriga em seu interior a diferença e a ambiguidade.

A partir disso, podemos dizer que as materializações discursivas com as quais trabalhamos – o discurso médico, o discurso midiático capitalista e o discurso dos anoréticos em blogs Pro Ana – não são fechados em si mesmos. A aparente unidade das FDs é desfeita pela tomada de posição dos sujeitos, bem como da relação, embora contraditória, entre as matrizes de sentido.

Para ilustrar essa questão, observemos a imagem abaixo:



Trata-se de um anúncio publicitário, criado por Oliviero Toscani para a grife Nolit. Sua divulgação, em 2007, causou polêmica tanto na mídia quanto e, sobretudo, no mundo da moda, dado o posicionamento de Toscani contra o uso de modelos anoréticas em anúncios publicitários e desfiles, ou melhor, contra a anorexia nervosa. O publicitário, para construir seu anúncio, convidou a modelo francesa Isabelle Caro, atualmente já falecida, mas que na época contava 31 anos e tratava-se contra a doença.

O autor faz deslizar os sentidos pela imagem e pela escrita. No canto à direita, vemos o nome da grife, “Nolita” e, acima, com a inicial “No”, com o mesmo tipo de letra, a expressão “No anorexia”. O que choca, no entanto, é a foto da modelo, que exhibe um corpo anorético, consolidando o posicionamento do autor impresso pelas palavras.

Tendo isso presente, podemos dizer que esta materialidade abriga a heterogeneidade, da FD e do sujeito, a partir de suas diferentes tomadas de posição. O autor rompe com a aparente homogeneidade lógica do discurso midiático, escancarando, em seu anúncio, a figura de uma anorética. Na posição de publicitário, o logicamente estabilizado seria mostrar modelos aparentando saúde e beleza, ainda que excessivamente magras, a fim de vender um determinado produto. Ocorre que, mesmo sem deixar de se colocar na posição de publicitário, Toscani, por meio do anúncio, denuncia a anorexia nervosa, posicionamento este que, de certa forma, faz retornar o discurso médico.



Arriscaríamos dizer que, fazendo entrecruzarem-se as FDs e, da maneira como se posiciona, o autor do anúncio provoca, com sua materialidade, um efeito subversivo diante do discurso midiático capitalista. Não se trata apenas de vender o produto da marca Nolita, mas de imprimir uma denúncia contra a própria mídia e o mercado capitalista, que usam modelos anoréticas em suas produções.

## NOSSO EFEITO DE FECHAMENTO

Neste estudo propomo-nos a trabalhar o corpo como materialidade do sujeito, tendo presente os discursos sobre anorexia nervosa. A análise compreendida em torno do que chamamos discurso midiático capitalista, discurso médico e discurso de jovens anoréticas em blogs do gênero ProAna, possibilitou-nos melhor compreender o modo como o sujeito anorético se constitui e materializa seu corpo, significando-o.

Observamos, a partir das materialidades tomadas como *corpus*, a presença do discurso-outro como constitutivo do sujeito, de seu corpo e do seu dizer: este é constituído pelo interdiscurso, pelo já-dito que, no fio do discurso, aparece como evidente, como transparente, embora dotado de opacidade, dada sua relação com a História. Assim, os discursos sobre anorexia nervosa, ainda que inscritos em matrizes de sentido diferentes (aparentemente contrárias), se entrecruzam, tendo em vista a porosidade de suas fronteiras e o fato de que abrigam a heterogeneidade.

Trata-se de materialidades que, sob a aparência da homogeneidade dos universos logicamente estáveis, abrigam a opacidade, o equívoco, a exterioridade, o outro, não como acidentes, mas inerentes. Da mesma maneira podemos nos referir ao sujeito: clivado, cindido. Duplamente afetado, em sua relação com a forma-sujeito, o sujeito pode assumir diferentes posições. Observamos diferentes posições-sujeito: o médico, o publicitário e o próprio anorético, os quais fazem se entrecruzarem saberes de diferentes FDs, nos permitindo verificar a heterogeneidade de tais FDs, bem como do próprio processo de subjetivação.

Os discursos que analisamos atribuem diferentes sentidos ao corpo. No entanto, em todos, é possível observar “[...] pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser ‘assim’” (PÊCHEUX, 2012, p. 29). Esse “assim” pode ser entendido como o logicamente estabilizado no qual os discursos sobre a anorexia se inscrevem, com sua ilusão e sua necessidade de transparência e univocidade. Sobre isso, Pêcheux (2012, p. 34) destaca que de nada adianta negarmos o desejo de aparência (o veículo de disjunções e categorizações), uma vez que “[...] essa necessidade universal de um ‘mundo semanticamente normal’, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos”.

Observamos essas disjunções e categorizações nos discursos por nós mobilizados para dizer do corpo e do sujeito anorético. O sujeito é categorizado a partir de uma lógica disjuntiva: é sadio ou é doente; é bonito ou é feio; é anorético ou não o é. Trata-se do que Pêcheux (2012) chama de técnicas de gestão social dos indivíduos, as quais os marcam, os identificam, os classificam, os comparam, os colocam em ordem, os reúnem e os separam, a fim de instruí-los, de vigiá-los, de



protegê-los... Os dizeres sobre esse corpo, embora inscritos no universo logicamente estabilizado, tem seus pontos de impossível, seus equívocos, suas falhas. O corpo, nesse ínterim, marca a deriva do sujeito, materializa sua divisão constitutiva: está entre a vida e a morte.

Para finalizar, podemos dizer que buscamos, em nosso trabalho, imprimir gestos de interpretação sobre o corpo como materialidade significativa, tendo presente os discursos sobre a anorexia nervosa. Para tanto, vários caminhos mostraram-se oportunos. Entretanto, “escolhemos” a AD (ou teríamos sido pela AD escolhidos?), por compreendermos que, nosso trabalho demanda uma tomada de posição e esta, como diz Pêcheux (2012, p. 57), “[...] é uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade”.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. In: *Espaços da Linguagem*. Letras n. 27, jul/dez 2003, PPGL – UFSM.
- INDURSKY, F. O sujeito e as feridas narcísicas dos linguistas. In: *Gragoatá*, nº 5, Niterói, Rio de Janeiro: 1998.
- MALDIDIER, D. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. (Orgs.) *Legados de Michel Pêcheux inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto: 2011.
- \_\_\_\_\_. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E. A. (Orgs.) *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- ORLANDI, E. P. (org.) *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 7ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, M. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*. Paris: Cendres, 1990.
- \_\_\_\_\_. A análise automática do discurso. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2012.